4-Tradição e Experiência comunicável

Conforme foi dito, Benjamin, no texto *Experiência*, traça um prenúncio de suas ideias acerca da noção de experiência, neste texto de juventude o filósofo apresenta a noção relacionada a uma tradição totalizadora, que se prende à repetição de conceitos. Deve-se notar que nesse texto a tradição, dita como própria ao filisteu, se delimita ao âmbito individual, corriqueiro, trata-se da experiência das gerações anteriores que não acompanharam as transformações do tempo e teimam em conservar ideias que já não respondem às transformações históricas. Contudo, no decorrer de sua obra, essa noção é tratada com maior amplitude, e em Benjamin a experiência “torna-se categoria para se pensar a modernidade como perda do sentido coletivo da experiência transmissível”⁴⁴. E uma vez que é nosso interesse pensar essas transformações da percepção moderna, se faz necessário entendermos do que se trata essa perda, bem como compreendermos como Benjamin apresenta esta experiência da tradição que tem seu declínio na modernidade e no advento da técnica, para tanto recorremos ao texto *O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*, a fim de obtermos tais esclarecimentos.

Nele Benjamin discorre sobre um tempo em que havia um sentido coletivo de experiência, e ele utiliza a figura do narrador para mostrar como se daria esse sentido e respectivamente sua perda. Deve ficar claro que ao evocar a narrativa tradicional, Benjamin não pretende um regresso a ela, não se trata de um olhar nostálgico a esse tempo perdido em que havia um sentido coletivo de experiência. “Descrever um Leskov como narrador não significa trazê-lo mais perto de nós, e sim pelo contrário, aumentar a distância que nos separa dele”⁴⁵.

Benjamin evidencia a distância desse tempo, pois entende que esta distância nos dá o ângulo favorável de observação, não estamos imersos nesse tempo da narrativa tradicional de forma que a vemos de fora, e assim somos capazes de perceber melhor seus contornos, seus limites nas transformações históricas.

⁴⁴ MURICY, Katia. *Alegorias da dialética*. p 44.

⁴⁵ BENJAMIN, Walter. *O narrador*. In *Obras escolhidas* p.197

Nesse texto, a figura do narrador representa aquele que está implicado em nutrir uma unidade no pensamento social. Tal unidade é possível graças às histórias construídas por experiências individuais e coletivas, histórias transmitidas de geração em geração, contadas e recontadas, que preservam o passado, o salvando do esquecimento, e agregando força ao legado dos antepassados. A continuidade dessa transmissão de experiência é o que constitui a tradição. Em alemão, a palavra utilizada por Benjamin para designar a experiência é *Erfahrung*. No alemão arcaico o radical *fahr* tem “o sentido de percorrer, de atravessar uma região durante uma viagem”⁴⁶, sendo assim, “uma *Erfahrung* é a memória de uma passagem, de um atravessamento”⁴⁷. Neste texto, Benjamin nos apresenta a imagem do narrador de duas formas: como aquele que viajou distâncias e volta com muitas histórias para contar; e aquele que viveu toda a vida na mesma terra e transmite as histórias desse lugar do qual ele faz parte. Em ambos os casos, seja no viajante ou no camponês sedentário, percebemos a experiência de atravessamento, no primeiro caso ela é representada no espaço, na distância física percorrida, no segundo pelo atravessamento no tempo, nas gerações. No entanto, o narrador só se torna tangível com a interpenetração desses dois grupos, o saber que vem de terras longínquas e o saber das tradições de um lugar. Assim, Benjamin entende que foram os artífices os responsáveis por aperfeiçoar a arte de narrar ⁴⁸, pois eles associaram o saber das terras distantes contadas pelos migrantes com o saber do passado, recolhido pelo trabalhador sedentário.

Imersos na atenção distraída do trabalho manual, os artesãos tecem a urdidura da narrativa, no tédio da lida diária eles moldam experiências. Importante observar que o tédio aqui não indica um fastio e aborrecimento, mas sim o tempo da paciência, assim como uma gestante espera a vinda do bebê, trata-se de um momento que se demora e se alonga sem pressa.

“Sentimos tédio quando não sabemos o que estamos esperando. O fato de o sabermos ou imaginar que sabemos é quase sempre nada mais que a expressão de nossa superficialidade ou distração. O tédio é o limiar para grandes feitos”.(BENJAMIN, Passagens, p, 145, D2, 7)

⁴⁶ GAGNEBIN, Jeanne. *História e narração em Walter Benjamin*. p. 58.

⁴⁷ GAGNEBIN, Jeanne. *História e narração em Walter Benjamin*. p. 58.

⁴⁸ BENJAMIN, Walter *O narrador* In. Obras escolhidas. p199.

O tédio do artesão é um vagar no tempo, é a espera embutida no processo artesanal, no qual os resultados não estão de antemão garantidos. Diferente da produção em série, o artesão não é capaz de saber com precisão o resultado que o espera, assim como também não sabe o fim da história que escuta, de tal forma, o tédio a que se entrega tem a força de incorporar a obra que produz e a história que escuta em sua existência, nesse sentido trata-se do grande feito de uma vida. Ou seja, entregue a estes trabalhos manuais o artífice contava e ouvia histórias. Neste ambiente ele pode voltar sua atenção ao que está sendo dito sem o constante risco do sobressalto. Enquanto suas mãos trabalham, ele se mantém tão atento às narrativas que estas mergulham em sua alma, se misturam à sua existência, incorporando-se à sua própria experiência de tal forma que, mais tarde, irá recontá-las a outrem com tanta naturalidade e sentimento como se elas fossem parte de sua vida.

Assim, o tédio “choca os ovos da experiência”⁴⁹, favorecendo um estado de atenção no qual as histórias orais encontram terreno fértil. Quanto mais o ouvinte se esquece de si, mais facilidade terá de guardar o que lhe contam. Na tranquilidade do trabalho manual, os ouvintes estão receptivos a escutarem e interiorizarem as histórias contadas à sua própria história. Além do mais, tinha-se um vivo interesse nessa escuta, pois elas vinham em auxílio às suas próprias experiências, as narrativas possuíam uma dimensão utilitária; seja ela como um ensinamento moral, uma sugestão prática, um provérbio, ou uma norma de vida⁵⁰. Assim as narrativas se prestavam aos ouvintes como conselhos para suas experiências, é necessário deixar claro que não se tratava necessariamente de uma regra de conduta, pois tais histórias não prescreviam uma forma de proceder, antes, por sua ausência de dados explicativos, elas abriam espaço para os ouvintes interpretarem o que estava sendo dito.

“O extraordinário e o miraculoso são narrados com a maior exatidão, mas o contexto psicológico da ação não é imposto ao leitor. Ele é livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação”⁵¹

⁴⁹ BENJAMIN, Walter. *O narrador* In. Obras escolhidas. p. 204

⁵⁰ BENJAMIN, Walter. *O narrador*. In Obras escolhidas p.204

⁵¹ BENJAMIN, Walter. *O Narrador* In Obras escolhidas p.203.

A ausência de explicações com que essas histórias são narradas e, por outro lado, a riqueza de detalhes imagéticos fornecidos, contribui fortemente para que as mesmas sejam assimiladas, pois sem análises psicológicas, estas narrativas soam lacunares, nos deixando em um estado de espanto, atônitos em um desconforto que nos força a darmos nossas próprias explicações. O vazio deixa lugar para o ouvinte criar, ou seja, dar continuidade à história e ele faz isso a partir da matéria das suas próprias histórias sendo justamente nesse sentido que as narrativas são interiorizadas, misturando-se à experiência de quem as ouve. Desta forma “cada história é o ensejo de uma nova história, que desencadeia uma outra, que traz uma quarta, etc.”⁵²”

É a história da criação do mundo, do homem, de múltiplos eventos cuja memória cronológica se perdeu, mas que se preservaram em uma memória mítica, coletiva. Para essa memória evocada com a narrativa, tudo teve a sua origem, e se esta origem ficou encoberta pelas trevas do tempo e do mistério, isto não significa que não possa ser recuperada pela imaginação. A realidade das coisas está aí a demonstrar a repetição das origens nos ciclos da vida. A fugacidade dos acontecimentos pouco interessa. Interessa, sim, o fato de que eles se repetem nas gerações: e por isso são perenes. A narrativa consiste nesta “história perene”: é a história dos acontecimentos que são eternos porque se repetem. Reconhecendo em cada ato cotidiano uma participação nos grandes ciclos da vida, que não são mais que a repetição dos ciclos, o homem sente-se participar da grande eternidade mítica, e liberta-se de sua transitoriedade. Integrado em suas origens, ele consegue, senão propriamente sobreviver, viver integralmente. Dentro da mentalidade mítica, a própria morte pode fazer sentido: é o fim da última repetição, e, por isto mesmo, a suprema reintegração nas origens.

Apesar de Leskov não ser um artífice, Benjamin o apresenta como paradigma de narrador que é atravessado tanto pelo saber distante, quanto pelo sedentário. Leskov por pertencer à igreja ortodoxa grega⁵³, teve acesso a uma tradição secular, nesse sentido vale dizer que ele atravessou a tradição pelo tempo, e, ademais, Leskov por força de seu trabalho, também percorrera distâncias, de

⁵² GAGNIBIN, Jeanne. *Walter Benjamin ou a história aberta*. p. 13
⁵³ BENJAMIN, Walter. *O narrador* In obras escolhidas p.199

forma que este escritor atravessou a tradição pelas duas formas indicadas por Benjamin, a temporal e a espacial, o que se soma às razões que fazem com que Benjamin o considere um exemplo de narrador.

Leskov está para Benjamin como os últimos dos narradores tradicionais, pois, já em sua época, a faculdade de narrar está em amplo declínio. Suas histórias escritas, embora guardem características da tradição oral, são sinais de um esquecimento em estado avançado, Leskov, pela escrita, tenta preservar a tradição oral, essa necessidade de preservação dá provas do declínio da mesma. A memória mantém estreita relação com a experiência, e o ato de narrar é um trabalho da memória. Contar e ouvir histórias cria uma rede de sentidos na qual o coletivo e o individual se entrelaçam.

“Onde há experiência no sentido estrito do termo, entram em conjunção, na memória, certos conteúdos do passado individual com outros do passado coletivo.”⁵⁴

A narrativa de Leskov se posiciona no limite de dois tempos, o narrador presenciou a narrativa oral e por isso é capaz de transmiti-la, porém tal transmissão não é feita como manutenção da tradição, mas em memória a essa tradição. Assim Leskov testemunha a morte narrativa oral, e em contrapartida ele escreve narrativas, oferecendo assim a rememoração da experiência comunicativa. Ao contrario do que se passa com as histórias transmitidas oralmente, nas de Leskov, transmitidas pelos livros, os sentidos das narrativas não são mais assimilados coletivamente, mas no isolamento da leitura. Na atenção distraída do trabalho artesanal, as histórias estão passíveis de alterações pela interferência dos ouvintes, pelo ritmo do trabalho, de tal modo que história se altera e sofre alterações de acordo com o contexto em que se inserem seus ouvintes, e a cada vez que é contada recebe as marcas de quem as conta; a tradição transmitida oralmente é formada pela matéria viva da experiência. A narrativa, deixando de ser compartilhada oralmente, passa a habitar o recolhimento do indivíduo isolado em sua leitura.

As narrativas de Leskov abandonando o meio oral e passando a ser transmitida pela escrita precidem da presença do autor, se tornam histórias órfãs

⁵⁴ BENJAMIN, Walter. *Sobre alguns temas em Baudelaire*. In. Obras escolhidas III, p. 107

como os romances, dessa forma de transmissão que está essencialmente vinculada ao livro. O livro possibilita uma leitura solitária e, sendo assim, uma compreensão que corre o risco de não ser aquela pretendida pelo escritor. Entretanto, mesmo quando partilham da orfandade, romance e narrativa tradicional não são de forma alguma iguais.

“O que separa o romance da narrativa (e da epopeia no sentido estrito) é que ele está essencialmente vinculado ao livro (...) O que distingue o romance de todas as outras formas de prosa- contos de fadas, lendas e mesmo novelas- é que ele nem procede da tradição oral nem a alimenta. Ele se distingue, especialmente, da narrativa. O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relata pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes. O romancista segrega-se. A origem do romance é o indivíduo isolado, que não pode mais falar exemplarmente sobre suas preocupações mais importantes e que não recebe conselhos nem sabe dá-los.⁵⁵”

Diferente da narrativa oral que tinha um caráter de aprendizado no qual se atribuía sentidos à vida de seus ouvintes, o romance, repleto de explicações e análises psicológicas, “anuncia a profunda perplexidade de quem vive”⁵⁶. O leitor do romance que anseia na trama do livro encontrar sentido para sua vida, ao final da história se descobre de mãos vazias, o máximo que dispõe é o sentido de uma vida particular, a do herói do romance. No entanto este herói não pode lhe socorrer, pois não é capaz de sugerir uma continuação à história do leitor, o homem permanece desaconselhado.

“O romancista se separou do povo e do que ele faz. A matriz do romance é o indivíduo em sua solidão, o homem que não pode mais falar exemplarmente sobre suas preocupações, a quem ninguém pode dar conselhos, e que não sabe dar conselhos a ninguém. Escrever um romance significa descrever a existência humana, levando o incomensurável ao paroxismo”⁵⁷.

O declínio da tradição se opera, a narrativa é esquecida e nos tornamos afeitos à forma do romance, ao seu isolamento. Perdemos a capacidade de contar e ouvir histórias e assim nos tornamos inábeis para preencher os espaços necessariamente lacunares das narrativas tradicionais, e ao ouvi-las, aguardamos

⁵⁵ BENJAMIN, Walter. *O narrador* In. Obras escolhidas p.201

⁵⁶ BENJAMIN, Walter. *O narrador* In. Obras escolhidas p 201

⁵⁷ BENJAMIN, Walter. *A crise do romance* In. Obras escolhidas p. 54.

constrangidamente que a narrativa chegue ao seu fim, em geral estamos mais preocupados em saber logo a conclusão, a moral da história, de forma que não acompanhamos o trabalho de urdidura, não estamos tão disponíveis à escuta, e perdemos as condições necessárias para que possamos continuar fiando a história. Sendo assim, se não sabemos narrar, somos igualmente incapazes de ouvir.

“Quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências”⁵⁸

A perda da capacidade de contar histórias, ou seja, de intercambiar experiências, silencia a tradição oral. Devemos admitir que é irresistível a pergunta de como se deu esse declínio? Como localizar o momento do fim da narrativa? Buscamos o início, meio e fim da história, a conclusão dos acontecimentos. Pelo hábito do pensamento de causa e efeito somos impelidos a procurar aquilo que ocasionou isso.

Porém, Benjamin não se deixa seduzir por esse pensamento linear onde há um início pontual que desencadeia em um fim. Não há uma conclusão, uma causa única que justifique objetivamente tal declínio da tradição narrativa. Segundo Benjamin, o ritmo das mudanças que contribuíram para tal perda é comparável ao que presidiu “à transformação da crosta terrestre no decorrer dos milênios. Poucas formas de comunicação humana evoluíram mais lentamente e se extinguíram mais lentamente”⁵⁹, assim, a morte da tradição, em nada deve ser considerada um fenômeno moderno⁶⁰. Benjamin nos mostra que a narrativa tradicional foi se tornando arcaica enquanto outras formas de comunicação surgiram. Por muito tempo ela coexistiu com estas formas sem que sua autoridade fosse ameaçada. Não há responsáveis únicos, um conjunto de fatores, de transformações, favoreceu este silêncio. No curso do mundo, depois de muito tempo, a tradição de intercambiar experiências começa a desenredar-se, contudo, certamente, esse processo se intensificou na modernidade.

⁵⁸ BENJAMIN, Walter. *O narrador* In. Obras escolhidas p 198

⁵⁹ BENJAMIN, Walter. *O narrador* In. Obras escolhidas p .202

⁶⁰ “A arte de narrar está definhando (...). Porém esse processo vem de longe. Nada seria mais tolo que ver nele um ‘sintoma de decadência’ ou uma característica ‘moderna’”. BENJAMIN, Walter. *O narrador* In. Obras escolhidas p 200.

Cabe ainda salientar que não apenas é difícil precisar o início desse declínio, como também não há um fim para a questão, haja visto que o declínio da narração tradicional é ainda hoje uma questão discutida⁶¹. Mas, ainda que não seja possível falar de uma origem da questão, considerando que são muitas as causas desse declínio, bem como que o assunto do “fim das grandes narrativas” continua repercutindo no pensamento atual, é possível apontar como um dos fatores do fim da experiência comunicável o irromper da primeira guerra mundial. Segundo Benjamin, este acontecimento que está intimamente associado ao crescimento da técnica, marca bruscamente a interrupção da trama fluida de experiências entrelaçadas pela voz do narrador através das gerações.

“No final da guerra, observou-se que os combatentes voltavam mudos do campo de batalha, não mais ricos, e sim mais pobres em experiências comunicáveis. E o que se difundiu dez anos depois, na enxurrada de livros sobre a guerra, nada tinha em comum com a experiência transmitida de boca em boca.”⁶²

Este acontecimento cala violentamente a tradição oral. Embora não seja um fato isolado, pois a tradição estava em franco declínio, a primeira guerra assinala uma profunda degradação da experiência, pois manifesta

“a sujeição do indivíduo às forças impessoais e todo-poderosas da técnica, que só faz crescer e transforma cada vez mais nossas vidas de maneira tão total e tão rápida que não conseguimos assimilar essas mudanças pela palavra”⁶³

Há uma estreita relação entre lentidão e a memória, e entre a velocidade e o esquecimento, assim o narrador, como esse que dispunha de tempo para assimilar as experiências e então poder contá-las, habita o terreno da memória de onde pode trazer histórias para compartilhar. Já o homem que passou por um excesso de vivências em um curto tempo, não foi capaz de assimilar o vivido, para esse o esquecimento exerce seu trabalho. As experiências foram percebidas como um choque que ele não é capaz de assimilar, uma memória traumática que ele não

⁶¹ “Ela (a questão do fim da narração tradicional) se coloca com força em toda literatura moderna e contemporânea, nas discussões históricas e historiográficas e na reflexão filosófica atual (...) sobre ‘o fim das grandes narrativas’ (Gagnebin citando o termo usado por Lyotard na Condição pós-moderna). GAGNEBIN, Jeanne. *Lembrar escreve esquecer*, p.. 49

⁶² BENJAMIN, Walter. *O narrador* In. Obras escolhidas p 198.

⁶³ GAGNEBIN, Jeanne. *História e narração em Walter Benjamin* p. 59

é inteiramente capaz de acessar, mas que age sobre ele e o silencia. O *trauma*, é definido por Freud como o evento que fere, separa, corta ao sujeito o acesso ao simbólico, em particular à linguagem”⁶⁴.

Este fenômeno em que o homem é exposto a um excesso de estímulos em um curto tempo é representado maximamente na guerra, contudo a velocidade e o excesso de estímulos torna-se uma constante no mundo moderno, nada é vivido demoradamente “(...) já passou o tempo em que o tempo não contava. O homem de hoje não cultiva o que não pode ser abreviado.”⁶⁵ Até a morte foi destituída de sua duração e importância, o moribundo é despossuído da sua própria morte, tem de se entregar em silêncio ao ritual técnico. Por que teriam direito à fala esses que não são mais nada? Pouco importa quem foram, morrer deve ser um mero parêntese na vida. Os sobreviventes do morto, os parentes e amigos também devem atingir a mesma amnésia. Mudar logo de casa, refazer a vida, voltar ao trabalho. Esquecer, apagar tudo. Segundo Benjamin,

“no decorrer dos últimos séculos, pode-se observar que a ideia de morte vem perdendo, na consciência coletiva, sua onipresença e sua força de evocação. (...) morrer era antes um episódio público na vida do indivíduo, e seu caráter era altamente exemplar (...) hoje a morte é cada vez mais expulsa do universo dos vivos.”⁶⁶

Nem a morte é conservada como esfera de transmissão, “Que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração em geração?”⁶⁷. Morrer deixa de ser um episódio público, a reintegração em uma origem comum a todos, para se tornar estritamente individual e depurado de experiência e sentido, aquele que morre é apenas o pobre coitado que se despede da transitoriedade da vida e lembra, aos que ficam, o sem sentido da existência. A fim de evitar o encontro com a morte do outro que nos lembra a nossa condição de finitos, afastamos esse episódio do hábito de nossos dias.

⁶⁴ “O *trauma* é a ferida aberta na alma, ou no corpo, por acontecimentos violentos, recalçados ou não, mas que não conseguem ser elaborados simbolicamente, em particular sob a forma de palavras, pelo sujeito.” GAGNEBIN, Jeanne. *Lembrar escrever esquecer*, p. 110 e 51

⁶⁵ BENJAMIN, Walter. *O narrador* In. Obras escolhidas p. 206

⁶⁶ BENJAMIN, Walter. *O narrador* In. Obras escolhidas p 207.

⁶⁷ BENJAMIN, Walter. *Pobreza e experiência* In obras escolhidas p.114

“Durante o século XIX, a sociedade burguesa produziu, com as instituições higiênicas e sociais, privadas e públicas, um efeito colateral que inconscientemente talvez tivesse sido seu objetivo principal: permitir aos homens evitarem o espetáculo da morte.”⁶⁸

Em face àquilo que não se consegue regular, àquilo que não se determina, não se conceitua e não se explica, recorremos ao refúgio da negação. Porta-se a máscara de sabedoria, tal como a dos filisteus, para evitar encarar o que foge à ordem do controle. A morte, assim como a contingência do presente, é isso que não tem sentido determinado, é a abertura de sentido. Frente à dificuldade de encarar essa abertura, busca-se domesticar aquilo que não é passível de controle. Assim, o moribundo é destituído da sabedoria de sua “existência vivida” e da autoridade que tem acesso no limiar da morte. Nada é deixado como herança aos que ficam. O homem torna-se órfão de conselhos, não recebe das gerações anteriores experiências transmissíveis, de forma que ele tem que se haver sozinho com suas próprias questões. Com isso ele se individualiza, deixa de frequentar o mundo coletivo, para se encerrar em seu mundo privado e psicológico⁶⁹.

Com o declínio da experiência comunicativa o sábio, tal como aquele aludido por Platão que traz algo para dizer sobre a experiência de sua vida, perde sua autoridade, seu conselho torna-se inútil e indesejado. Dar e pedir conselhos são atividades essencialmente narrativas. Aquele que pede um conselho precisa contar sua história e aquele que o recebe precisa continuar esta história. A decadência do sábio instaura um estado de desorientação. “No domínio psíquico, os valores individuais e privados substituem cada vez mais a crença em certezas coletivas(...)”,⁷⁰ o homem moderno se põe muito distante da memória mítica, na qual tudo teve sua origem. A realidade se fragmenta e não há mais uma unidade cíclica que confira sentido à vida, por esse terreno desgastado o indivíduo vagueia. Do empobrecimento do sábio e do dilaceramento da experiência emerge a vivência (*Erlebinis*). A vivência é o termo de Benjamin que se contrapõe à experiência, à memória da tradição; vivência diz respeito à memória fragmentada do indivíduo moderno isolado em sua interioridade. Essa personalidade inefável

⁶⁸ BENJAMIN, Walter. O Narrador. In. Obras escolhidas, p. 207.

⁶⁹ “A obtenção de uma memória comum, que se transmite através das histórias contadas de geração em geração, é hoje destituída pela rapidez e violência das transformações da sociedade capitalista. Agora, o refúgio da memória é a interioridade do indivíduo, reduzido à sua história privada, tal como ela é reconstruída no romance. GAGNEBIN, Jeanne. Walter Benjamin- Os cacós da história. p. 68”

⁷⁰ GAGNEBIN, Jeanne. *História e narração em Walter Benjamin*, p.59.

torna, como diz o romancista moderno preferido de Benjamin, Proust, o falar coisa destinada a nós mesmos.⁷¹ Assim, a verdade deixa de ser transmissível para transformar-se numa descoberta particular. Isolado e solitário no estreito recinto de sua vivência, o homem moderno se volta para dentro, cria interiores onde se estende o domínio privado, e assim torna-se cada vez mais inapto à comunicação.

Nesse processo de interiorização e isolamento se estabelece uma divisão de mundos: o exterior – do coletivo, do outro, e o interior – do “eu”, do mesmo. Nesta divisão, cada indivíduo que compõe o todo das massas não se entende parte deste coletivo; para cada um a sua auto-imagem se destaca das massas, não se mistura ao geral, sua vida se instala em um mundo interior e individual. Inserido na percepção da vivência, o indivíduo não se comunica.

A vivência, como isso que é de todos e não é de ninguém, poderia, seguindo Benjamin, ser comparada às informações jornalísticas, pois assim como a vivência busca reter uma imagem reduzida dos acontecimentos, de modo que estas imagens não cheguem a se incorporar à experiência do indivíduo, o propósito dos jornais consiste em “isolar os acontecimentos do âmbito onde pudessem afetar a experiência do leitor”⁷², do que Benjamin conclui que “nenhum leitor dispõe tão facilmente de algo que possa informar a outro”⁷³.

“Cada manhã recebemos notícias de todo o mundo. E, no entanto, somos pobres em histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações.”⁷⁴

Todas as informações coletadas nos jornais não fazem mais do que confirmar nossas expectativas, de forma que elas não nos transmitem nada de essencial. Comentá-las é apenas repeti-las assim como foram lidas, pois seu texto seco em reflexões e por outro lado transbordando em explicações e descrições-data, hora, lugar, nomes - não deixa espaço para quaisquer interpretações, tudo o que se precisa saber já está dado. As informações dos jornais não são incorporadas

⁷¹ PROUST, Marcel. À sombra das raparigas em flor, p. 78

⁷² BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. Obras Escolhidas vol. III, p. 106.

⁷³ BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. Obras Escolhidas vol. III, p. 107.

⁷⁴ BENJAMIN, Walter. *O narrador*. Obras escolhidas, p. 203.

à experiência dos seus leitores, de forma que o exercício diário de leitura é feito apenas para confirmar que o outro corresponde exatamente àquilo que se imagina - algo absolutamente distante e estranho. E, diante da dificuldade de se incorporar à experiência o âmbito do coletivo, é possível chegar à conclusão de que o mundo interior é incomunicável e estritamente individual.

Ao buscar o outro, a motivação para tal busca, uma vez que não se apresenta na comunicação, transmuda-se na aceitação de sua impossibilidade e na confirmação da solidão; frente à impossibilidade de comunicação, a aproximação ao outro toma o aspecto de curiosidade, isto é, enche-se do desejo de olhar, de participar como espectador dos fatos alheios, embora neles não subsista nenhum interesse pessoal. Tal forma de ligar-se ao outro é deveras ampla, a curiosidade pode se estender em qualquer esfera, qualquer assunto pode despertá-la, basta que se refira ao outro, ao desconhecido. Porém, ainda que a curiosidade seja capaz de despertar inquietante interesse aos mais variados assuntos, ela não dura o bastante para que possa aprofundar-se neles, pois é de sua natureza ser pouco resistente à satisfação, somente o primeiro contato com o objeto que dava ensejo à curiosidade já é o suficiente para matar seu fogo e rebaixar o interesse à indiferença. A curiosidade só inflama no gás do novo.

“A informação só tem valor no momento em que é nova. Ela só vive nesse momento, precisa entregar-se inteiramente a ele e sem perda de tempo tem que se explicar nele.”⁷⁵

A noção de curiosidade que aqui indicamos - um interesse que se fomenta na distância - é o que nutre a informação jornalística abordada por Benjamin. Neste sentido, caberia considerá-la como um reflexo da impossibilidade de comunicação, em que o indivíduo, tentando suprir a falta da comunicação e amenizar a tristeza sem consolo da vida interior, anestesia-se com constantes doses de novidade. Forja uma esfera de torpor incitada pelo culto ao novo, que tem como intuito mascarar a repetição do superficial. Este disfarce de novidade que a repetição usa, maquia seu cinza melancólico, ao ponto de torná-la suportável e como “não nos livramos de um sofrimento senão à custa de

⁷⁵ BENJAMIN, *O Narrador*. In *Obras Escolhidas*, p. 204.

experimentá-lo com plenitude”⁷⁶, a repetição mitigada pelo frenesi do novo garante sua permanência na gestão da realidade. Não se experimenta o sofrimento da repetição plenamente, seu fastio, disfarçado de novidade, torna-se suportável. Tendo em vista esta íntima relação entre o novo e a repetição, Benjamin arrecada para as *Passagens* a seguinte frase: “A monotonia se nutre do novo”⁷⁷.

Vimos que a tradição oral na modernidade encontra-se em tamanha ruína que não há mais sentido no que ela transmite e viver sob seu domínio é “manter relações com aquilo que é o “eternamente-ontem”⁷⁸. A continuidade harmônica em que todos partilham a mesma verdade, necessária à transmissão de conselhos, é fendida pelo silêncio que produz verdades múltiplas, a realidade já não se põe mais a serviço de demonstrar a repetição das origens nos ciclos da vida. Contudo, diante da variedade de verdades o homem vê-se isolado e aturdido pela falta de sentido, e assim se apega ao fluxo do novo, da percepção da vivência, que em última instância nada traz de novo, mas apenas confirma as expectativas, sem romper a habitual associação do pensamento. A repetição do novo não lança um olhar para pensar novos sentidos para o presente destituído de tradição. Assim, a incessante novidade não rompe com os postulados da tradição, mas apenas os apresenta em novas edições, dando a falsa ideia de novidade, enquanto na verdade se mantém sob o mesmo pensamento arcaico. Deste modo a tarefa de dar sentidos ao novo é por vezes maquiada, e ao invés de se construir explicações a partir da observação do presente, recorre-se à autoridade dos postulados prontos e se esforça por fazer o presente caber em sentidos anteriores a ele.

⁷⁶ PROUST, Marcel. *A Fugitiva*, p. 110.

⁷⁷ BENAJIMIN, Walter. *Passagens*, p. 151, seção D5,6.

⁷⁸ BENJAMIN, Walter. *Experiência* In. Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação, p 22.